

Poemas Centro-oestinos, Kalungarias e sobre os Povos da Terra

Georgia Marques

Resumo

O objetivo é apresentar poemas centro-oestinos escritos pela poética da Geo-Poesia, que, com sua escrita da Terra, descreve em fotos e geo-grafias experiências verdes e ricas tais quais as montanhas de Minas Gerais, que desenham corpos negros e dourados como os que se banham nas águas quentes da Bahia, e gelados como os pés que tocam as mais profundas águas dos rios do estado de Goiás. Há, nessa poesia, relatos da vida pública envolta pelas Asas da Capital Federal que não tem mar, mas sobrevive em lagos e lados a céu aberto, mimeticamente pincelados pelas poeiras do Cerrado, do tempo e do vento, da memória viva composta por formas, cores e expressões arquitetônicas: símbolos e ideais que marcam a vida de todo o povo e fazem história nos conflitos burocráticos e civis sobre este território.

Palavras-chave: Poemas centro-oestinos – Kalungaria – Povos da Terra – Geopoesia.

Mulheres do tambor

Qual sua origem?
Qual sua ascendência?
Sua descendência?
Sinta seu coração pulsar
na cadência do toque!

(A Nãnan Matos.)

Bicicletaria

Se eu tivesse uma bike,
eu muito bicicletaria
Ava-canoaria
terras Xavantes
avante adentraríamos
Matas e cílio correríamos

O cheiro forte de nossas
avós ciganas,
baianas e candangas
farejaríamos

Fadas encantadas,
deusas que abrem caminhos
com a Luz Del Fuego
iluminam estradas
Juntas habitaríamos
uma ilha chamada Brasil
Braz-ilha.

(A Bic Prado.)

Tele-visão

Me oriento pela tele-visão
visão espacial, meu espaço
descompassado sideral.

Rodas e vento

Rosas do vento
Rosas ao vento
Rodas de Exu
trancas, amarras

alentos
caminhos
proteção
intento
coração
força

humanidade
ruas, almas
vagas, abra
ocupe, perdure
apure, ame

Prende e passa

Tudo isso vai passar
deixe o ar entrar
penetrar, arrancar
sair e voar
deixe passar o ar.

Pedágio

Sua boca tinha cheiro de rosa,
fiquei preso naquele sorriso,
uma pena que a cor da cédula
e seu cheiro podre nos separava,
eu continuei na estrada a procurá-la.
Quanto vale a democracia?
Quanto vale uma boca vazia?
Quanto vale a cidadania?
Afinal, o que é toda essa patifaria?

Hora marcada, encontros
desencontrados, sonhos cortados, podres
iluminados, onde estão meus achados? Perdidos.
É preciso pagar o pedágio para encontrá-los.

(A Wélcio de Toledo e as Minas Gerais, nas Estradas Reais.)

19 de abril

Não muito longe daqui
estão cavando nossas terras
tirando nosso povo do lar
cimentando nossos corações
tentando calar nossa voz

estão estes à nos estuprar
dói meu ventre de mãe
dói minha alma de filha
dói meu canto de pai
silenciam meu pedido por socorro
arrancam minhas raízes fonte d'água

preciso semear para me curar
cor do urucum, cor
do sangue que corre
e que sai de mim, cor

da aurora e do arco, cor
quem não tem no coração
tem nas mãos, cor
da íris, cor de Ísis
Terra.

(A Valdelice Veron.)

Cobra Coral

Quando eu era criança, cobras corais
abriam meus caminhos, eu nadava com
elas nos rios, minha mãe preta muito
me carregou no colo, cuidou e deu amor.

Grito

Você pode me escutar
quando não vê meu rosto?
Eu grito, sou o grito
agito e não evito, entro,
no conflito, assim existo,
reexisto! Poeta, porreta!

parei de viver da espera
vivo no pulso que pulsa
impulsiona e transforma
tudo em luz, tudo em voz

Tudo em ar, tudo em arte
tudo é céu, tudo é escuridão
a imensidão do céu escuro
dá vida à estrela onde tudo
é poeira, tudo é poesia.

Tudo tem mulher, tudo tem
Terra, tudo é água, tudo tem
forma tudo em flor de Maria.
Tudo tem Marina.

(A Marina Mara e Nirlene Maria.)

Kalungaria

Eu sonhava com a vida, mas só morte via
naquele vão, cheio de almas desencarnadas
sob um céu de estrelas cadentes
com as mãos atadas, meus pés batiam
meu coração pulsava e a água ardente curvava.

Agradei minha grande mãe por ajudar
na travessia da estrada, caminhada sofrida
à beira do abismo não olhei para baixo
nem para os lados, então me senti no paraíso.

Meu avô, um preto velho
sabendo de minha chegada
encomendou várias noites de festa
a poeira da dança subia após a reza
candeias acenderam
aquecendo meu coração
na escuridão daquele vão.
Almas Vão-se Amar.

Viagem

A janela que levou meu pai
parecia uma mandala
de exposição no metrô
a arte era um pedaço de
carne pendurada

mecanização da manufatura
tear e pesadelo, holocausto na lona
ventos e recados enviados pelos correios
pinico embaixo da cama, água de aranhas

desenho no arroz, falta vontade para comer
aprendizado nas latas, flores da montanha
Alto Paraíso, morte e despedida
de uma pessoa em vida, são os cantos da natureza
canto do homem na natureza é cacto sem flor

foto da urbanização, irmãos no trenzinho
nuvens movendo as árvores da diversidade
simplicidade da cabaça, cabeça dos peixes
animais e risos, folhas de coqueiro
galinha-d'angola
pé descalço
tambor
amor.

(A minha avó baiana.)



Georgia Marques é graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília.
georgiaaacm@gmail.com